

## REPORTAGEM ESPECIAL



NELSON ALMEIDA/AFP/JC

Alto volume de chuvas e cheias de rios e do Lago Guaíba acarretaram a maior enchente da história do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre; na imagem, armazéns do Cais inundados na Capital

# Emergência climática demanda mudança nos parâmetros de risco

» *Preparação para desastres pode significar uma capacidade mais ágil na retomada dos negócios*

Lívia Araújo, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

O Rio Grande do Sul, atingido pelo pior desastre climático de sua história, ainda mal começou a “juntar os cacos” dos destroços de suas cidades e atividades econômicas. A água das inundações ainda sobe no Sul do Estado e não voltou ao seu nível normal na Região Metropolitana de Porto Alegre em mais de 20 dias desde o início das chuvas sem precedentes que caíram no Estado no mês de maio.

No entanto, mesmo em meio a essa tentativa de se reerguer, empresários de todas as regiões do RS e todos os portes já convivem com a perspectiva de que essas ocorrências façam parte de um “novo normal”: de um estado permanente de emergência climática, que alonga a duração e intensifica as características dos fenômenos que os gaúchos conhecem bem, como vendavais, estiagem e as próprias inundações; e trazem novos desafios, como a pandemia de Covid-19 e a ocorrência de doenças que eram pouco comuns na

Região Sul, como a dengue, e que agora se prolifera com rapidez.

Essa realidade inevitável e assustadora coloca sobre os ombros de toda a sociedade civil a responsabilidade de se antecipar à próxima catástrofe climática que assolará o RS – e que ninguém sabe exatamente quando acontecerá –, por meio de ações que, ainda que não possam evitar a ocorrência desses fenômenos, têm o propósito de mitigar danos e garantir mais segurança ao funcionamento da sociedade, salvando não só vidas, mas também permitindo a

continuidade das atividades econômicas e vocações do Estado.

“Tenho a impressão de que o empresariado, de um modo geral, ainda não incorpora muito a noção de risco em suas decisões”, opina o engenheiro Guilherme Fernandes Marques, que coordena o Núcleo de Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos do Instituto de Pesquisas Hídricas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs). “Muitas pessoas habitam e investem em áreas cujos riscos elas desconhecem. Isso precisa ser melhor entendido e ab-

sorvido, assim como a relação desses riscos com a cadeia produtiva das regiões do Estado”, pontua, a exemplo dos próprios reflexos que os danos nas empresas atingidas pela enchente de maio gera para outros setores não diretamente afetados nas inundações.

A diminuição na frequência de ocorrências de clima severo não só no RS, mas no Brasil e no mundo, sustenta Marques, “está trazendo outra perspectiva de risco para os negócios, e o setor empresarial precisa entender melhor como ocorrem essas mudanças, para ter